

# Daston, Lorraine

## *Historicidade e objetividade*

João Rodolfo Munhoz Ohara\*

São Paulo: LiberArs, 2017. 143p. Trad. Derley Menezes Alves e Francine Iegelski.

Como notam Tiago Santos Almeida e Francine Iegelski em sua apresentação à edição brasileira de *Historicidade e objetividade*, de Lorraine Daston, a história da ciência permanece uma especialidade marginalizada na historiografia contemporânea. É sintomático que apenas em 2017 o leitor brasileiro possa tomar conhecimento, em língua portuguesa, dos escritos de Lorraine Daston – e que ainda não possamos ler uma boa tradução de Steven Shapin.<sup>1</sup> Dado o crescimento recente dos estudos em história da historiografia, é relativamente espantoso que a história da ciência não tenha servido como uma das interlocutoras privilegiadas. Nesse sentido, a publicação de *Historicidade e objetividade* começa a preencher uma lacuna enorme, que ainda carece de mais esforços.

Daston trabalha no Instituto Max Planck para a História da Ciência, onde coordena o departamento II (Ideais e Práticas de Racionalidade). Publicou em 2008, com Peter Galison, o livro *Objectivity*, em que traçam uma história da objetividade enquanto virtude epistêmica nas ciências. No prefácio à edição brasileira, ela define seu trabalho com base na expressão “epistemologia histórica”, definida como “a história das categorias e práticas que são tão fundamentais para as ciências humanas e naturais que parecem muito autoevidentes para ter uma história” (p.9-10). Daston detalha mais a definição à frente, no capítulo “Uma História da Objetividade Científica”, considerando a epistemologia histórica

---

\* Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Programa de Pós-Graduação em História. Assis, SP, Brasil. ohara.jrm@gmail.com <<https://orcid.org/0000-0001-8946-4714>>

como “a história das categorias que estruturam nosso pensamento, que modelam nossa concepção da argumentação e da prova, que organizam nossas práticas, que validam nossas formas de explicação e que dotam cada uma dessas atividades de um significado simbólico e de um valor afetivo” (p.71).

A similaridade entre essas duas caracterizações e trabalhos como o de Michel Foucault não é acidental. O termo “epistemologia histórica”, de definição pouco clara, aparece com frequência para designar certa tradição epistemológica da qual fazem parte, além de Foucault, nomes como Gaston Bachelard e Georges Canguilhem, mas Daston faz questão de mencionar que seu uso da expressão difere daquele da tradição francesa.<sup>2</sup> Além disso, ela é enfática em recusar as acusações de relativismo que rapidamente surgem contra várias correntes na história e na filosofia das ciências: “o fato de que ideias, práticas e valores tem [sic] histórias, de que tiveram origem em um lugar e época determinados, nada diz sobre sua validade” (p.10); “historicizar categorias como fato, objetividade ou prova não a [sic] debilita, não mais do que a [sic] prejudicaria escrever a história da teoria da relatividade especial ... ‘Se histórico, então relativo’ é um *non sequitur*” (p.124).<sup>3</sup>

Entre os textos selecionados por Tiago Almeida, organizador do volume, apenas um – “*Science Studies* e História da Ciência” – destoa do restante, como a própria autora aponta em seu prefácio. Exceção feita, os outros textos ilustram com clareza as longas reflexão e pesquisa empreendidas por Daston em torno do problema da história da objetividade – primeiro na história das ciências da natureza, que culminou na publicação do já mencionado livro *Objectivity*, com Peter Galison, e, finalmente, nas ciências humanas. É possível acompanhar o trajeto empreendido pela autora conforme as categorias que aparecem no livro ganham forma (por exemplo, a de objetividade mecânica). Aos leitores que a acompanham em língua inglesa, esse percurso talvez possa esclarecer uma curiosidade ou outra acerca do processo de feitura do livro de 2008; aos que ainda não tiveram acesso ao livro (ainda não traduzido), trata-se de uma excelente introdução.

O extenso e difícil trabalho de tradução é meritoso em si; quando se trata de uma autora de vasta erudição como Daston, ainda mais. As possíveis discordâncias com uma ou outra escolha de palavras por parte dos tradutores, assim como os poucos erros que escaparam à revisão, não tiram em nada o brilho da empreitada. Derley Alves e Francine Iegelski fizeram um bom trabalho.

*Historicidade e objetividade* oferece uma oportunidade importante para que os historiadores “de ofício” (rótulo geralmente reservado aos praticantes de certas especialidades mais tradicionais, como a história política, social, econômica ou cultural) se aproximem mais da história da ciência. Mais ainda, ajuda a facilitar o crescimento do diálogo entre história da historiografia e história da ciência no Brasil. Trata-se de publicação muito oportuna e bem-vinda na historiografia brasileira.

## REFERÊNCIAS

- GINGRAS, Yves. Naming Without Necessity: On the Genealogy and Uses of the Label “Historical Epistemology”. *Revue de Synthèse*, Paris, v.131, n.6, p.439-454, 2010.
- HACKING, Ian. *The Social Construction of What?* Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1999.

## NOTAS

<sup>1</sup> Historiador da ciência, coautor de *Leviathan and the Air Pump*, um dos livros mais importantes da história da ciência (já não tão) recente, publicado em 1985. *The Scientific Life*, um de seus livros mais recentes (2008), trouxe grande contribuição às histórias da “ciência encarnada”.

<sup>2</sup> GINGRAS (2010) discute os problemas da expressão “epistemologia histórica” no sentido anglo-saxão.

<sup>3</sup> Ian Hacking, outro autor frequentemente relacionado às questões da epistemologia histórica anglo-saxã, desenvolve argumento semelhante. Cf. HACKING, 1999, esp. p.67-68.

Resenha recebida em 18 de fevereiro de 2018.

Aprovada em 27 de março de 2018.

